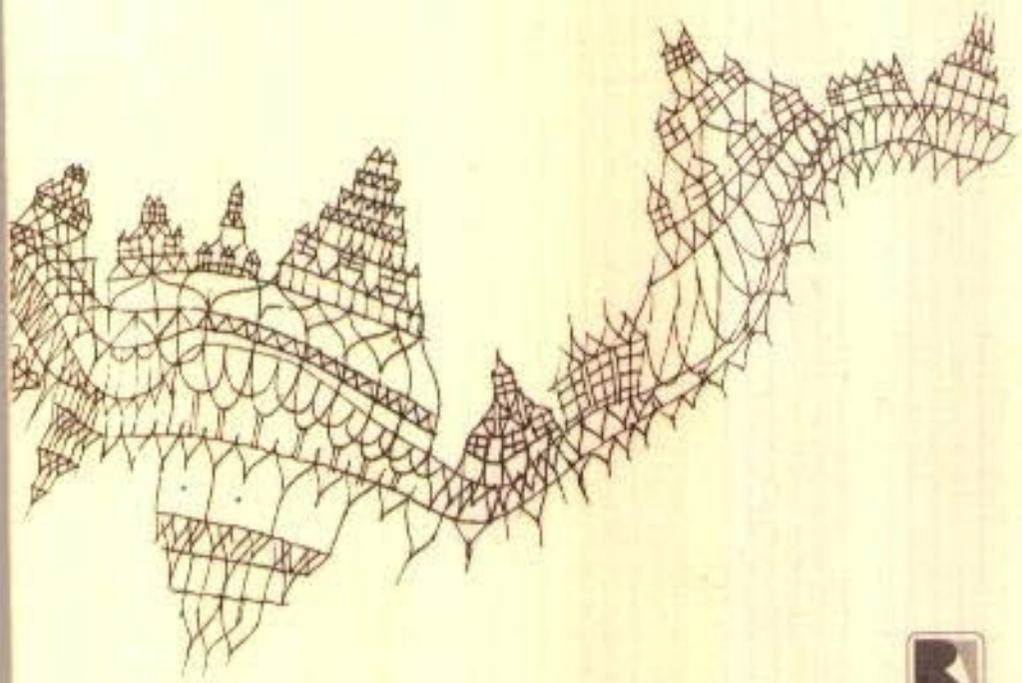


Antonio Cicero



GUARDAR

1. Uma fórmula simples para *guardar* a poesia de Antonio Cícero? Está no poema “Dita”. A poesia é dita. Dita: particípio passado do verbo dizer. Dita: fartura, destino. Dita: casa de detenção. Eis a fórmula simples: dizer o destino do homem na casa de detenção da poesia. Ali se guardam todas as palavras, as dele e as alheias, até mesmo as antigas que construíram Babel (“Confusão”) e que, depois, se perderam, repetida e incansavelmente, no labirinto de “Minos”.

2. Cultivar a poesia de Antonio Cícero é dar eco ao verso: “no fundo de mim/sou sem fundo”. Não há o que buscar na *dita* do poema, ou seja, entre os *guardados* do poeta. Há sempre o que colher. “Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la.” Como não há o que buscar e, sim, o que colher, a voz do poeta que ecoa é perversamente a voz de quem a escuta. A palavra poética é fratura exposta; está exposta à visita dos olhos de Narciso, como uma radiografia do (próprio) coração, um mapa das (próprias) emoções ou um (impróprio) cadáver.

3. Neste livro de poemas, guardam-se coisas, não para escondê-las ou trancá-las. Guarda-as para que melhor sejam vistas. É para iluminá-las ou por elas ser iluminado que se guardam as coisas. “Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro/Do que um pássaro sem vôos.”

GUARDAR

4. O gesto que recolhe as palavras é o mesmo que as oferece. Tudo se passa a dois e, por isso, a figura da *reciprocidade* domina o universo amoroso da poesia. *Do ut des* (Dou, para que dê) — é a máxima do “Hotel Meio-dia”. No solo da paixão, a via láctea jorra no alto do firmamento e aos pés do poeta. Ser amante sem ser o amado. Ser dois e ser o elo: “Entre ar, mar, céu, nome, ser, não ser Marcelo.”

5. Da Grécia antiga, os labirintos divinos — experiência de deuses. Da Bíblia sagrada, a confusão das línguas — condição do homem. Da Roma clássica, o direito comutativo — contrato social. Da Renascença, a língua portuguesa afeiçoada à ordem indireta latina — a retórica. Do Barroco, as dobras que se superpõem em pirâmides poéticas — a construção do poema. Dos Tempos modernos, a geometrização das emoções — as generalizações equivocadas do saber. Do Mundo contemporâneo, o reflexo das máquinas celestes nos olhos da amada — o lirismo.

6. O poeta Antonio Cicero é, ao mesmo tempo, herdeiro das superfícies e das profundezas.

SILVIANO SANTIAGO

Este livro foi composto na tipografia
Centaur, no corpo 13/16,
e impresso na Markgraf, Rio de Janeiro,
em papel pólen bold 90g/m²

Ilustração da capa: Paul Klee,
The Flood Washes Away Cities, 1927

Antonio Cicero

GUARDAR

poemas escolhidos

3ª EDIÇÃO



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2006

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Cicero, Antonio
C499g Guardar: poemas escolhidos / Antonio Cicero. – 3ª ed.
3ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2006.
104p.

1. Poesia brasileira. I. Título.

96-1813 CDD – 869.91
CDU – 869.0(81)-1

Para Marcelo Pies

Copyright © 1996 by Antonio Cicero

Projeto gráfico: Regina Ferraz

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução,
armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de
quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.



Direitos exclusivos desta edição adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-04810-0

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 – Rio de Janeiro, RJ – 20922-970

*E vivíamos bem,
na doméstica companhia dos feitiços de Circe.*

ALEX VARELLA

SUMÁRIO

Guardar 11

I.

Voz 15

Segundo a tradição 17

Colono lacônico 19

Rapaz 21

Canto XXIII: Desafogo 23

O emigrante 25

Transparências 27

Dita 29

Confusão 31

Falar e dizer 33

Oráculo 35

Dilema 37

Minos 39

Cicero 41

2.

Solo da paixão 45

Onze e meia 47

Cara 49

Inverno 51

Stromboli 53

Felicidade 55

Onda 57

Simbiose	59
Canção da alma caída	61
Água Perrier	63
De trás pra frente	65
Hotel Meio-dia	67
Quase	69
Logrador	71
Maresia	73
Virgem	75
À francesa	77
Elo	79
3.	
Ignorant sky	83
Noite	85
O enigma de Hempel	87
Eu vi o rei passar	89
Narciso	91
O parque	93
Trevo do marinheiro	95
Eco	97
Teofania	99
Templo	101
Notas	103

GUARDAR

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro

Do que um pássaro sem vôos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

I.

VOZ

Orelha, ouvido, labirinto:
perdida em mim a voz de outro ecoa.

Minto:
perversamente sou-a.

SEGUNDO A TRADIÇÃO

O grande bem não nos é nunca dado
e foste já furtado do segundo:
O resto é afogar-te com o amado
na líquida volúpia de um segundo.

COLONO LACÔNICO

É próprio que Afrodite sempre vença as primeiras batalhas
e Atena sempre as últimas.
Hera deve perder.

Jamais regressarei a Esparta.

RAPAZ

Indecisivo entre o mar ou a mulher
a natureza o fez rapaz bonito,
rapaz:
pronto para amar e zarpar.

Também ao poeta apraz
o ser rápido e rapace.

CANTO XXIII: DESAFOGO

a Sérgio Luz

A ameaçar os barcos do regresso
enquanto os deuses se distraem
o combate prossegue implacável,
os dardos e o bronze a perfurar
órgãos membros e sobretudo a pele
que sonhava acostumar-se a brisas sóis olhos ardentes.

Antes morrer de vez ou viver
que desgastar-se feito agora ante os barcos
contra homens ignóbeis

O EMIGRANTE

Buscando o ocidente com o olhar
Que desde sempre foi límpido e grávido,
Chegou à terra ao fim de todo mar.
Sem planos certos foi e até sem roupa,
Sem cada dia o pão e sem família,
Sem nem saber o que era o ocidente,
Chegou chorando assim como quem nasce
E o mundo alumbra um segundo e assombra.

TRANSPARÊNCIAS

a Roberto Correia Lima

Venho da praia de um verão em que as ondas rolam
redondas e lisas sobre o mar sem formar espuma
e olhos gulosos engolem glaucas e mornas transparências
goles de luz azul e verde
fazendo inveja à língua aos lábios e à goela

Por que me arrastas por areias sem águas
ou zonas infestadas de feras
ou paludes sombrios
ou friagens cítricas
ou mares coagulados

Por que me queres nessa terra monstruosa e trágica
onde erram poetas e mitógrafos
e nada é certo nada claro

DITA

a Dedé Veloso

Qualquer poema bom provém do amor
narcíseo. Sei bem do que estou falando
e os faço eu mesmo pondo à orelha a flor
da pele das palavras, mesmo quando

assino os heterônimos famosos:
Catulo, Caetano, Safo ou Fernando.
Falo por todos. Somos fabulosos
por sermos enquanto nos desejando.

Beijando o espelho d'água da linguagem,
jamais tivemos mesmo outra mensagem,
jamais adivinhando se a arte imita

a vida ou se a incita ou se é bobagem:
desejarmo-nos é a nossa desdita,
pedindo-nos demais que seja dita.

CONFUSÃO

a Mário Lacerda

- II.1 e era toda a terra uma língua e uma voz em todos
II.2 e ocorreu ao moverem-se do oriente acharem uma planície
na terra de Senaar e habitarem-na
II.3 e disse homem a vizinho eia façamos tijolos e os cozamos
com fogo e apareceram-lhes tijolos por pedras e cimento
foi-lhes o betume
II.4 e disseram eia construamos para nós uma cidade e uma
torre cujo capitel chegue ao céu e façamo-nos um nome
antes de nos dispersarmos pela face de toda a terra
II.5 e desceu o senhor para ver a cidade e a torre que
construíam os filhos dos homens
II.6 e disse eis uma geração e uma língua para todos e
começaram a fazer isso e destarte não estará fora do
seu alcance fazer tudo o que desejarem
II.7 eia descendo amarremos sua língua e confundamos
sua voz para que não queiram desejar o que desejam
II.8 e os homens disseram eis um senhor que amarra nossa
língua e confunde nossa voz para que não queiramos
desejar o que desejamos
II.9 multipliquemos pois nossas línguas e nossas vozes para
que o senhor não compreenda as vozes dos homens
II.10 e dispersemo-nos daqui pela face de toda a terra e
construamos inúmeras cidades e torres
II.11 e multiplicaram os homens suas línguas e dispersaram-se
pela face de toda a terra.

FALAR E DIZER

a Waly Salomão

Não é possível que portentos não tenham ocorrido
Ou visões ominosas e graves profecias
Quando nasci.
Então nasce o chamado
Herdeiro das superfícies e das profundezas então
Desponta o sol
E não estremunha aterrado o mundo?
Assim à idade da razão
Vazei os olhos cegos dos arúspices e,
Fazendo rasos seus templos devolutos,
Desde então eu designo no universo vão
As coisas e as palavras plenas.
Só
Com elas
Recôndito e radiante ao sopro dos tempos
Falo e digo
Dito e decoro
O caos arreganhado a receber-me incontinente.

ORÁCULO

Vai e diz ao rei:
Cai a casa magnífica,
O santuário de Apolo;
Fenece o louro sagrado;
A voz da vidente emudece;
As fontes murmurantes se calam para sempre.
Diz adeus adeus.
Tudo erra, tanto
A terra vagabunda quanto
Tu, planetário.
Criança e rei,
Delira e ri:
Meu sepulcro não será tua masmorra.
Alimenta teu espírito também com meu cadáver,
Pisa sobre estas esplêndidas ruínas e,
Se não há caminhos,
Voa.
Voa ri delira
Nessa viagem sem retorno ou fim.

DILEMA

O que muito me confunde
é que no fundo de mim estou eu
e no fundo de mim estou eu.

No fundo
sei que não sou sem fim
e sou feito de um mundo imenso
imerso num universo
que não é feito de mim.
Mas mesmo isso é controverso
se nos versos de um poema
perverso sai o reverso.
Disperso num tal dilema
o certo é reconhecer:
no fundo de mim
sou sem fundo.

MINOS

Não ocultei o monstro: Jamais hei de ocultá-lo.
Jamais erguerei paredes para vedá-lo às vistas dos curiosos
e maledicentes. Jamais hei de exilá-lo.

Ao contrário:

Plantei-o no trono do salão central do palácio que ergui
para abrigá-lo, na capital do meu reino, no umbigo desta
ilha que eu mesmo tornei eixo do mundo.

Que para ele convirjam todos os turistas, todas as rotas
marinhas, todas as linhas aéreas, todos os cabos submarinos,
todas as redes siderais.

Construí canais estradas viadutos ferrovias funiculares
pontes túneis até o palácio;

depois, áditos pórticos limiars entradas umbrais aléias
ânditos elevadores passagens escadas ombreiras travessas

portas corredores servidões rampas porteiras vielas
passadouros escadarias portões arcadas soleiras portelas
caminhos galerias sendas portais veredas cancelas áditos

pórticos limiars entradas umbrais aléias ânditos
elevadores passagens escadas ombreiras travessas portas
corredores servidões rampas porteiras vielas passadouros

escadarias portões arcadas soleiras portelas caminhos
galerias sendas portais veredas cancelas áditos pórticos

limiars entradas umbrais aléias ânditos elevadores
passagens escadas ombreiras travessas portas corredores
servidões rampas porteiras vielas passadouros escadarias
portões arcadas soleiras portelas caminhos galerias sendas

portais veredas cancelas áditos pórticos limiaries
entradas umbrais aléias ânditos elevadores passagens
escadas ombreiras travessas portas corredores servidões
rampas porteiras vielas passadouros escadarias portões
arcadas soleiras portelas caminhos galerias sendas portais
veredas cancelas áditos pórticos limiaries entradas umbrais
aléias ânditos elevadores passagens escadas ombreiras
travessas portas corredores servidões rampas porteiras
vielas passadouros escadarias portões arcadas soleiras
portelas caminhos galerias sendas portais veredas cancelas
áditos pórticos limiaries entradas umbrais aléias ânditos
elevadores passagens escadas ombreiras travessas portas
corredores servidões rampas porteiras vielas passadouros
escadarias portões arcadas soleiras portelas caminhos
galerias sendas portais veredas cancelas áditos pórticos
limiaries entradas umbrais aléias ânditos elevadores
passagens escadas ombreiras travessas portas corredores
servidões rampas porteiras vielas passadouros escadarias
portões arcadas soleiras portelas caminhos galerias sendas
portais veredas cancelas áditos pórticos limiaries entradas
umbrais aléias ânditos elevadores passagens escadas
ombreiras travessas portas corredores servidões rampas
porteiras vielas passadouros escadarias portões arcadas
soleiras portelas caminhos galerias sendas portais veredas
cancelas áditos pórticos limiaries entradas umbrais aléias
ânditos elevadores passagens escadas ombreiras travessas
portas corredores servidões rampas porteiras vielas
passadouros escadarias portões arcadas soleiras portelas

CICERO

a José Ibsen

Minha vida tem um garoto chamado Cicero.

Ele é a cobra do meu paraíso.

Ele é a dobra do meu paraíso.

Ele é a sobra do meu paraíso.

Ele é a sombra do meu paraíso.

Ele é a cobra.

Ele é a cobra.

Ele é a cobra.

2.

SOLO DA PAIXÃO

O solo da paixão não dura mais
que um dia antes de afundar, não mais
que esta noite ou esta noite e um dia
e o clarão da noite antes de amargar.

Um dia solar eu vou lhe entregar:
Que ela seqüestre o mundo por um dia
(um dia só será que já vicia?)
Depois devolva tudo: terra céu e mar.

ONZE E MEIA

Quando a noite vem
um verão assim
abrem-se cortinas varandas
janelas prazeres jardins

Onze e meia alguém
concentrado em mim
no espelho castanho dos olhos
vê finalidades sem fim

Não lhe mostro todos os bichos que tenho de uma vez
Armo o circo com não mais do que uns cinco ou seis
leão camelo garoto acrobata
e não há luar
e os deuses gostam de se disfarçar

CARA

a Tereza Augusta

Jamais foi mais escuro
no país do futuro
e da televisão.

Dentro do labirinto
o que eu sinto eu sinto
e chamam de paixão.

E me apaixonam questões ardentes
que nem consigo assim de repente
expor.

Mas entre elas há coisas raras
que são belezas loucuras taras
de amor.

Há sonhos e insônias
Ozônios e Amazônias
e um novo amor no ar.

Entre bilhões de humanos
e siderais enganos
eu quero te abraçar.

Mil novecentos e não sei quanto
É fim de século e no entanto
é meu:
meu cada gesto cada segundo
em que te amar é um claro assunto
no breu.

INVERNO

a Suzana Morais

No dia em que fui mais feliz
eu vi um avião
se espelhar no seu olhar até sumir

de lá pra cá não sei
caminho ao longo do canal
faço longas cartas pra ninguém
e o inverno no Leblon é quase glacial.

Há algo que jamais se esclareceu:
onde foi exatamente que larguei
naquele dia mesmo o leão que sempre cavalguei?

Lá mesmo esqueci
que o destino
sempre me quis só
no deserto sem saudades, sem remorsos, só
sem amarras, barco embriagado ao mar

Não sei o que em mim
só quer me lembrar
que um dia o céu
reuniu-se à terra um instante por nós dois
pouco antes do ocidente se assombrar.

STROMBOLI

Dormes,
Belo.
Eu não, eu velo
Enquanto voas ou velejas
E inocente exerces teu império.
Amo: o que é que tu desejas?
Pois sou a noite, somos
Eu poeta, tu proeza
E de repente exclamo:
Tanto mistério é,
Tanta beleza.

FELICIDADE

Felicidade é esse acaso
Que te fez o que és.
Nada queres dizer.
Nada deves a trabalho
Ou a dever.
Perverso
Brincas.
Criatura de um só dia
Absoluto
És festa
Serás luto.
És festa sonho carne frêmito.
Não mereces este prazer
Nem eu mereço teu amor:
Tudo entre nós é gratuito
E muito
E parte.
Cardumes de sol ao mar
Quase sem arte
Quero-te feliz.

ONDA

Conheci-o no Arpoador,
garoto versátil, gostoso,
ladrão, desencaminhador
de sonhos, ninfas e rapsodos.

Contou-me feitos e mentiras
indesslindáveis por demais:
eu todo ouvidos, tatos, vistas,
e pedras, sóis, desejos, mares.

E nos chamamos de bacanas
e prometemo-nos a vida:
Comprei-lhe um picolé de manga

e deu-me ele um beijo de língua
e mergulhei ali à flor
da onda, bêbado de amor.

SIMBIOSE

Sou seu poeta só
Só em você descubro a poesia
Que era minha já
Mas eu não via.

Só eu sou seu poeta
Só eu revelo a poesia sua
e à noite indiscreta
você de lua.

CANÇÃO DA ALMA CAIADA

Aprendi desde criança
Que é melhor me calar
E dançar conforme a dança
Do que jamais ousar

Mas às vezes pressinto
Que não me enquadro na lei:
Minto sobre o que sinto
E esqueço tudo o que sei.

Só comigo ousou lutar,
Sem me poder vencer:
Tento afogar no mar
O fogo em que quero arder.

De dia caio minh'alma
Só à noite caio em mim
por isso me falta calma
e vivo inquieto assim.

ÁGUA PERRIER

Não quero mudar você
nem mostrar novos mundos
pois eu, meu amor, acho graça até mesmo em clichês.

Adoro esse olhar blasé
que não só já viu quase tudo
mas acha tudo tão déjà vu mesmo antes de ver.

Só proponho
alimentar seu tédio.
Para tanto, exponho
a minha admiração.
Você em troca cede o
seu olhar sem sonhos
à minha contemplação:

Adoro, sei lá por que,
esse olhar
meio escudo
que em vez de meu álcool forte pede água Perrier.

DE TRÁS PRA FRENTE

O amante,
Cabeça tronco membro
Eretos para o amado,
Não o decifra um só instante.
Eu mesmo ainda me lembro:
O amante é devorado.
Já o amado,
Por mais ignorante e indiferente,
Decifra o seu amante
De trás pra frente.

HOTEL MEIO-DIA

Do ut des
do ut facias
facio ut des
facio ut facias

QUASE

Por uma estranha alquimia
(Você e outros elementos)
Quase fui feliz um dia.
Não tinha nem fundamento.

Havia só a magia
Dos seus aparecimentos
E a música que eu ouvia
E um perfume no vento.

Quase fui feliz um dia.
Lembrar é quase promessa
É quase quase alegria.

Quase fui feliz à beça
Mas você só me dizia:
“Meu amor, vem cá, sai dessa”.

LOGRADOR

Você habita o próprio centro
de um coração que já foi meu.
Por dentro torço por que dentro
em pouco lá só more eu.

Livre de todos os negócios
e vícios que advêm de amar
lá seja o centro de alguns ócios
que escolherei por cultivar.

Para que os sócios vis do amor,
rancor, dor, ódio, solidão,
não mais consumam meu vigor,

amado e amor banir-se-ão
do centro rumo a um logrador
subúrbio desse coração.

MAREZIA

O meu amor me deixou
Levou minha identidade
Não sei mais bem onde estou
Nem onde a realidade.

Ah, se eu fosse marinheiro
Era eu quem tinha partido
Mas meu coração ligeiro
Não se teria partido

Ou se partisse colava
Com cola de maresia
Eu amava e desamava
Sem peso e com poesia.

Ah, se eu fosse marinheiro
Seria doce meu lar
Não só o Rio de Janeiro
A imensidão e o mar

Leste oeste norte sul
Onde um homem se situa
Quando o sol sobre o azul
Ou quando no mar a lua

Não buscaria conforto
Nem juntaria dinheiro
Um amor em cada porto
Ah, se eu fosse marinheiro.

VIRGEM

As coisas não precisam de você:
Quem disse que eu tinha que precisar?
As luzes brilham no Vidigal
E não precisam de você;
Os dois irmãos
Também não.
O Hotel Marina quando acende
Não é por nós dois
Nem lembra o nosso amor.
Os inocentes do Leblon,
Esses nem sabem de você
Nem vão querer saber
E o farol da ilha só gira agora
Por outros olhos e armadilhas:
O farol da ilha procura agora
Outros olhos e armadilhas.

À FRANCESA

Meu amor, se você for embora
Sabe lá o que será de mim
Passeando pelo mundo afora
Na cidade que não tem mais fim
Ora dando bola ora fora
Um irresponsável, pobre de mim.

Certamente vai haver tristeza
Algo além de um fim de tarde a mais
Mas depois as luzes todas acesas:
Paraísos artificiais.
E se você saísse à francesa,
Eu viajaria muito, mas muito mais.

Se lhe peço pra ficar ou não?
Meu amor eu lhe juro
Que não quero deixá-lo na mão
E nem sozinho no escuro
Mas os momentos felizes não estão escondidos
Nem no passado nem no futuro.

ELO

Dizem ser Marcelo mar e céu
Dizem ser vão ser e ser poeta
Só sei que desde que me aconteceu
Esse horizonte azul assim sem reta
Quero ser não o poeta
Ser o verso de Marcelo
Ser a rima de Marcelo
Ser esse elo
Entre ar, mar, céu, nome, ser, não ser Marcelo

3.

IGNORANT SKY

The well-built house has fallen to the ground.
There is no God among us anymore.
Our bay leaves wither, our prophets are a bore
And not a single new spring has been found.
So you made a cockpit of your bedroom
And opening electronic windows up
You scan the universe for kicks, and zoom
A distant face to get a fake close up;
And yet when everything's quite like a lie
And only what is terrible seems true
You find within your heart a strange devotion
Toward that star against an ignorant sky:
You know its shimmering artificial blue
Has been delivered by the deepest ocean.

NOITE

Vêm lá do canal
Reverberações
Do ladrar de um cão.

Uma dessas noites
Tudo vai embora:
Leve-nos,
Ladrão.

Abre-se o sinal
Sem ninguém passar.
É melhor ser vão
Tudo o que pontua
Nossa escuridão.

O ENIGMA DE HEMPEL

A Carlos Nader

Todo corvo é preto
e cada corvo preto
confirma o negrume dos corvos.

Se todo corvo é preto então
todo não-preto é não-corvo
e se todo não-preto é não-corvo
então todo corvo é preto.

Todo corvo é preto
Todo não-preto é não-corvo
e cada não-preto não-corvo
— cada folha verde cada onda azul cada gota de sangue —
prova o negrume dos corvos.

EU VI O REI PASSAR

Um rei assim
não ouve muito bem
e adora luz;
sem ver ninguém
prefere olhar
o horizonte, o céu:
longe daqui
é tudo seu.

Seu sangue azul
ninguém diz de onde vem
de que sertão
que mar, que além;
e para nós
ele jamais se abriu
senão uma vez
quando partiu.

Um rei assim
cultiva a solidão
sombria flor
no coração
e claro é
que o pêndulo do amor
às vezes vai
até a dor

Devo dizer
que não sofri demais.

Devo dizer
que acordei.
Mesmo sem ser
tudo que imaginei
devo dizer
que o amei.

NARCISO

Narciso é filho de uma flor aquática
e de um rio meândrico. É líquido
cristalizado de forma precária
e preciosa, trazendo o sigilo

de sua origem no semblante vívido
conquanto reflexivo. Ousaria
defini-lo como a forma em que a vida
mesma se retrata. É pois fatídico

que, logo ao se encontrar, ele se perca
e ao se conhecer também se esqueça,
se está na confluência da verdade

e da miragem quando as verdes margens
da fonte emolduram sua imagem fluida
e fugaz de água sobre água cerúlea.

O PARQUE

a Cao

À noite ele vai ao parque
entre o mar e a cidade
e o precipício do céu
e o abismo do seu eu.

Com toda amabilidade
ele joga a rede e fere
as águas da noite suave
e colhe o que se oferece:

no sentido do relógio,
as luzes de Niterói,
a escuridão e a Urca
e sobre ela o Pão de Açúcar;

depois, pistas de automóveis
e em meio a certas folhagens
sabe-se lá o que fazem
uns atletas quase imóveis;

o Hotel Glória iluminado
atrás de um bosque no breu;
o monumento, um soldado,
e adiante o museu

e a marina; e depois,
vindo lá do aeroporto
um longínquo odor de esgoto
ofende as damas da noite;

e há vultos à beira-mar
e amantes à meia-luz
e à superfície do mar
um azul que tremeluz

e seu desejo encarnado
na mão de certo moreno
tão cálido e apaixonado
que é louco pelo sereno;

e finalmente o que há
é a via láctea a jorrar
no alto do firmamento
e a seus pés sem fundamento.

TREVO DO MARINHEIRO

a Luciano Figueiredo

Ao manobrar no trevo de concreto
ao sol das duas e quinze percebo
certas sombras espessas, bem embaixo
do viaduto, e nelas alguns laivos

de trapos sob o trânsito entrevado.
Em torno desse ponto cego e vago
percorro minha órbita elítica
com rodas de borracha e metafísica,

por pistas falsas, longe, além das orlas
das cirandas financeiras ou rondas
bancárias, longe, entre caracóis

de línguas mortas e mundos de pó
girando numa coluna de sol
que entra no carro enquanto perco a hora.

ECO

A pele salgada daquele surfista
parece doce de leite condensado.
Como seu olhar, o mar é narcisista
e, na vista de um, o outro é espelhado.

E embora, quando ele dança sobre as cristas,
goste de atrair olhares extraviados
de banhistas distraídos ou artistas,
é claro que o mar é seu único amado.

Ei-lo molhado em pé na areia: folgado,
ao pôr-do-sol tem de um lado a prancha em riste
e do outro usa uma gata e um brinco e assiste

serenamente o horizonte inflamado
e a brisa o alisa e ele enfim não resiste
à beleza e diz “sinistro!” e ouve eco ao lado.

TEOFANIA

Sabe-se que um deus só vem porque quer
e é capaz de desaparecer
a seu bel-prazer, por mero capricho.
Nisso ele se assemelha mais a um bicho

selvagem, feito serpente ou veado,
do que a gente. Uns são intempestivos.
É no momento menos indicado
que nos capturam e mantêm cativos.

Assim é o Amor, por exemplo. Não
há quem não reconheça a divindade
de tal deus. Não: os próprios cristãos dão
a mão à palmatória e têm saudade

do realismo do mundo pagão
quando o vêem chegar como quem não quer
nada e ofuscar tudo. Outros são
diferentes. Todos vêm por prazer,

é claro mas, por exemplo, o Sono
não deixa de abraçar-nos todo dia
enquanto somos jovens: dir-se-ia
ser nosso escravo e não suave dono.

Mas isso não se deve nem pensar
pois se ele ouvir o nosso pensamento
e resolver provar-nos a contento
ser mesmo deus, desaparecerá.

Dá-se pela insônia a teofania
negativa do Sono, quando somem
as doces nuvens e as torres macias
do príncipe dos deuses e dos homens

e não se abrem as águas da lagoa
ou os portões de chifre ou de marfim
e a imaginação se esboroa
em prosa e a noite cansa até o fim.

Não se iludam. Nem o mais poderoso
dos soporíferos substituiria
ver abolirem-se as categorias
graças ao deus onírico e gasoso.

Tais deuses só na velhice sabemos
o que são. O jovem nem desconfia
ser divino o próprio Tesão ou mesmo,
tremo só de lembrar, a Poesia.

TEMPLO

Para que as Musas residentes lá no Olimpo
façam meus poemas palavras que desejem,
eu que, à sombra de um deus muito mais triste, habito
a fralda de uma montanha muito mais verde,

declaro não serem os versos que escrevo obras
de arte mas bases, paredes e donaires
de templos construídos com mãos e com sobras
de paixões, mergulhos, fodas, livros, viagens

(precário material com o qual é preparado
tudo o que merece aspirar a eterna glória)
e, ainda com os seus andaimes, os consagro
a elas, às filhas alegres da Memória,

deusa que não é, como querem crer os néscios,
a guardiã do passado, com o qual pouco
se importa, mas antes a que nos oferece o
esquecimento quando canta o imorredouro.

NOTAS

Solo da paixão, *Virgem*, *Eu vi o rei passar* e *Cara* são variantes de letras escritas para melodias de Marina Lima e o poema *Canção da alma caiada* foi, com o nome de *Alma caiada*, por ela musicado.

Variantes dos poemas *Dita*, *Logrador* e *Onze e meia* (este com o nome de *O circo*) foram musicadas por Orlando Moraes.

Inverno e *Água Perrier* são variantes de letras escritas para melodias de Adriana Calcanhoto.

Variante de *Ignorant sky* foi musicada por Phillip Glass.

À francesa é variante de letra escrita para melodia de Cláudio Zoli.

Paulo Machado musicou *Maresia*.

Com exceção das letras de *Alma caiada*, *Dita*, *Cara* e *Logrador*, copyright © by Warner / Chappell Edições Musicais Ltda., e de *Virgem*, copyright © by Luz da Cidade Prod. Art. Fong. e Ed. Ltda., as letras acima mencionadas têm copyright © by Acontecimentos Prod. e Ed. Art. Ltda.